

SOBRE OS QUATRO CONCEITOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA DE LEONARD BLOOMFIELD

ABOUT LEONARD BLOOMFIELD'S FOUR CONCEPTS OF LINGUISTIC ANALYSIS

Helda Núbia Rosa¹

Secretaria de Educação do Estado de Goiás

Sebastião Elias Milani²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Estudam-se neste artigo os conceitos língua, fonema, falante e comunidade de fala nas obras de Leonard Bloomfield (1887-1949). Bloomfield foi um professor, linguista e antropólogo norte-americano. Suas obras *An Introduction to the Study of Language* (1914), *A set of postulates for the science of language* (1926) e *Language* (1933) são modelos de manuais de linguística, fontes para os linguistas. A partir das observações da comunidade de fala definiu o conceito de fonema. A gramática e a lexicologia são seus temas. Com relação aos fonemas e aos taxemas, Bloomfield definiu-os como arranjos gramaticais dispostos em várias combinações e usados diariamente pelos falantes no sentido de formar a língua e apresentar o sentido da palavra. Uma comunidade de fala tem a missão de proteger a língua falada, transmiti-la aos membros mais jovens e preservá-la de modo que seus falantes não se percam em sua própria sintaxe, léxico ou semântica. As obras de Leonard Bloomfield concentram-se nesses pilares porque é substancial que toda comunidade possua sua própria língua constituída a partir de peculiaridades inerentes aos falantes que dela fazem uso.

Palavras-chave: Leonard Bloomfield; conceitos bloomfieldianos; identidade linguística; método empírico.

Abstract: This article studies the concepts of language, phoneme, speaker, and speech community in the works of Leonard Bloomfield (1887-1949). Bloomfield was an American professor, linguist, and anthropologist. His works *An Introduction to the Study of Language* (1914), *A set of postulates for the science of language* (1926), and *Language* (1933) are models of linguistics manuals, sources for linguists. Based on observations from the speech community, he defined the concept of phoneme. Grammar and lexicology are his subjects. About phonemes and taxemes, Bloomfield defined them as grammatical arrangements arranged in various combinations and used daily by speakers to form the language and present the meaning of the word. A speech community has a mission to protect the spoken language, pass it on to younger members, and preserve it so that its speakers are not lost in their own syntax, lexicon, or semantics. Leonard

¹ Secretaria de Educação do Estado de Goiás – SEDUC, Professora Doutora de Língua Portuguesa, efetiva. Faculdade Unida de Campinas - FACUNICAMPS, Goiânia, Goiás, Brasil, Departamento de Humanidades, Campus Jardim Coimbra. <https://orcid.org/0000-0002-9491-8423>. heldarosa28@gmail.com.

² Universidade Federal de Goiás-UFG, Goiânia, Goiás, Brasil, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística e Língua portuguesa, Campus Samambaia, Professor Doutor Titular de Linguística e de Língua Portuguesa. <https://orcid.org/0000-0001-9411-6028>. sebas@ufg.br.

Bloomfield's works are concentrated on these pillars because it is essential that every community has its own language constituted from the peculiarities inherent to the speakers who use it.

Keywords: Leonard Bloomfield; bloomfield's concepts; linguistic identity; empirical method.

Submetido em 20 de janeiro de 2023.

Aprovado em 6 de agosto de 2026.

Introdução

O linguista norte-americano Leonard Bloomfield (1887-1949) conseguiu sintetizar suas pesquisas a partir de quatro temas, que são os conceitos de língua, de comunidade de fala, de falante e de fonema. Toda a sua produção intelectual está pautada sobre esses conceitos e configuram um percurso metodológico especialmente criado para compreender o funcionamento de cada um *in loco*, uma vez que as pesquisas tinham cunho empírico. Ressalta-se a importância de dois desses temas, os condutores de sua produção intelectual. Os conceitos de língua e de comunidade de fala condensam sua obra e, por esse viés, é possível compreender as pesquisas realizadas por ele e os motivos de terem sido tão relevantes para a linguística do século XX.

Bloomfield veio de uma tradição de filólogos em língua germânica, principalmente Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Era professor de alemão nos Estados Unidos, estudou muito anos na Alemanha. Além dessa formação, aponta-se sua proximidade com as pesquisas antropológicas de Franz Boas (1858-1942). Somados, esses conhecimentos possibilitaram fazer de Leonard Bloomfield um linguista mecanicista e empirista, cuja maior contribuição para a linguística norte-americana foi a criação de um método de pesquisa. O método baseava-se na observação das comunidades de fala, com a finalidade de entender o funcionamento delas.

A comunidade de fala é um conjunto de pessoas com objetivos similares e unidas em torno de um modo de falar. A identidade está no fato de os fonemas possuírem traços parecidos e, por essa razão, configurarem a comunidade. Os falantes estão imbuídos na tarefa de ensinar a fala da comunidade aos membros mais novos, bem como de mantê-la, preservá-la, a fim de que a individualidade da comunidade não tenha alterações bruscas.

Metodologia de trabalho de Bloomfield

Além do trabalho de observação *in loco*, Bloomfield compilou os estudos linguísticos dos cinquenta anos anteriores, ou seja, de meados do século XIX até início

do século XX. A profissão de professor mostrava que ele estava preparando o caminho para os futuros linguistas e possíveis interessados no assunto. O objetivo de ensinar, direcionar o caminho por meio do método criado por ele, está mantido em sua opção por fazer manuais.

Bloomfield escreveu inúmeros artigos, obras sobre ensino de línguas e outros três textos que se destacaram pelo desenvolvimento dos conceitos de língua e comunidade de fala. O primeiro texto foi o *An Introduction to the Study of Language* escrito em 1914, alguns anos depois de ter recebido o título de doutor pela Universidade de Chicago e antes de ir estudar na Europa, onde conheceu linguistas de diversas áreas e estudou novas teorias que lhe permitiram reformular essa obra mais tarde no texto *Language*, publicado em 1933.

Em 1926, publica *A set of postulates for the science of language*. Esse texto mostrou que seus postulados e axiomas são referentes às outras ciências, como a matemática, no entanto, ao desenvolver esses conceitos, pôde definir o que tinha ou não dependência em relação aos termos como os morfemas, o sentido, os fonemas, enfim às categorias da fala.

A set of postulates for the science of language (1926) não se constitui como manual, mas são considerações a respeito daquilo que foi observado nas comunidades de fala. As observações culminaram numa série de descrições e observações sobre o uso da língua. Considerou que, como os falantes estão habituados, é bastante natural que eles se apropriem dos morfemas e fonemas para produzirem novas palavras, as quais tanto podem ser criações dos falantes como adaptações feitas a partir de outra língua ou dialeto.

Depois de ter voltado da Europa, Bloomfield publicou o texto *Language* (1933), o qual teve reconhecimento de muitos estudiosos do século XX e XXI, norte-americanos, europeus e brasileiros. Esse texto se destacou por condensar os conceitos mais relevantes de suas pesquisas, inclusive o de comunidade de fala e o papel do falante. Foi a partir dele que a linguística descritiva destacou os pontos mais relevantes no estudo da fala.

O que se pretende mostrar é como Bloomfield chegou ao conceito de comunidade de fala e quais os impactos dela para o falante. Neste artigo, o percurso espaço-temporal possibilitou uma visão dos acontecimentos linguísticos, os quais foram pertinentes para as descobertas realizadas por Bloomfield por meio de uma metodologia pautada na empiria, que demonstrou resultados pertinentes para a ciência da língua, mais especificamente.

Assim, o estruturalismo linguístico será destacado, porque Bloomfield é considerado, por diversos teóricos da linguística, um precursor do estruturalismo na América do Norte. Justifica-se, pois, parte de tudo que foi aprendido, deveu-se aos ensinamentos do também estruturalista Franz Boas, nesse caso, constitui-se uma continuidade conceitual, e a ruptura metodológica legitima-se pela criação do método empírico de Leonard Bloomfield.

Dois temas servem como análise e prerrogativas a respeito do que constituía para Leonard Bloomfield, professor e pesquisador, um paradigma de análise linguística: comunidade de fala e fala. Os conceitos de comunidade de fala e fala são tomados como pontos de referência para a obra do autor e, portanto, merecem destaque para que seja de fácil compreensão a lógica usada por ele para chegar à definição de ambos. Além disto é preciso chamar a atenção para o conceito de língua de Bloomfield. Ele não criou um conceito, apenas absorveu conceitos já existentes e moldou-os com a finalidade de esclarecer a íntima relação entre a comunidade e a língua falada por ela. A língua representa exatamente o que a comunidade é, seus preceitos, anseios e costumes.

Os conceitos de língua e de fonema são os responsáveis pela identidade linguística dos falantes numa comunidade de fala. A identidade é criada por meio da constituição das diferenças trazidas pelos fonemas que são únicos para cada grupo, ainda que haja mais de um grupo que fale a mesma língua. Fica ressaltada a importância do fonema e de seus traços distintivos na constituição da comunidade de fala. Bloomfield era estruturalista e descritivista, compreende-se, portanto, porque suas explicações sobre os fatos da língua fossem dadas por meio de materialidades condensadas na articulação dos fonemas. Os fonemas conferem certa similitude à comunidade de fala configurando-se em identidade também.

A fonética já tinha um longo percurso, muitos pesquisadores haviam feito trabalhos sobre os sons da língua e descrito o aparelho fonador. As crianças, desde o nascimento, começavam a imitar os sons produzidos pelos seus antecessores, estava provado que elas nasciam com a capacidade física para reproduzir os sons, no entanto, Bloomfield analisou também os traços similares na produção dos sons da comunidade e conseguiu distinguir as peculiaridades do que a fonologia nomeou fonema.

A identidade é o conjunto de características exclusivas de uma comunidade de fala e que é transmitida por meio das gerações, através dos hábitos. Os empréstimos linguísticos agem como agentes estranhos que pretendem minar a estabilidade da

comunidade e enfraquecer o caráter identitário, o falante e a comunidade são os empecilhos para que isto ocorra.

O falante não pode modificar a língua da comunidade, uma vez que a individualidade é inerente à comunidade e não ao falante. Isto sugere que a língua só pode ser modificada mediante o consenso de todos os falantes de uma determinada comunidade. Ainda que seja somente um empréstimo, se a comunidade não se interessar em adotá-lo, não vai acontecer, essa é uma forma de garantir que a individualidade da comunidade não seja alterada.

A historiografia de Leonard Bloomfield

Recolher os documentos, analisá-los à luz da Historiografia, interpretar os contextos e reconhecer as continuidades conceituais e as rupturas metodológicas é a função do historiógrafo. Para este artigo, foram escolhidos três textos de Leonard Bloomfield, já mencionados anteriormente, num recorte temporal de duas décadas, de 1914 a 1933, início do século XX, em que o clima de opinião refratava uma sociedade disposta a novas descobertas e interessada em pesquisas linguísticas e antropológicas, numa clara tentativa de compreender melhor o indivíduo e a língua falada por ele.

Nesse contexto, Bloomfield será tratado como continuidade conceitual de vários pesquisadores como Wilhelm von Humboldt (1767-1835), Willian D. Whitney (1827-1894), Franz Boas (1858-1942), Wilhelm Wundt (1832-1920) e Albert Paul Weiss (1879-1931). E ruptura metodológica por ter criado o próprio método de análise e observação da comunidade de fala e o próprio modo de descrição da língua.

Sendo assim, o clima de opinião da época estava voltado para o estudo do indivíduo, da comunidade de fala, da língua falada e dos fonemas particulares de cada dialeto. O ideário linguístico contemplava as questões inovadoras naquele panorama de início do século em que as ideias linguísticas norte-americanas fervilhavam de novidades e em que Leonard Bloomfield despontava como expoente.

A trajetória do indivíduo, firmado enquanto falante e como integrante de uma comunidade de fala, envolve a todos num mesmo grupo social que pensa, age e fala de forma similar. A comunidade é o espaço para o desenvolvimento da língua e da fala, mantendo e replicando as peculiaridades linguísticas, inclusive fonéticas, sendo regulada

pelo comportamento vinculado ao que é social, prático, cultural, sem isto não haveria comunidade e nem comunicação efetiva entre os falantes.

Com relação à língua, ela é o fator fundamental, o elo entre o indivíduo e a comunidade de fala. Sem a qual não haveria comunicação ou, pelo menos, não uma tão prática e eficiente como aquela produzida por meio dos sons articulados. Bloomfield afirmou que se o indivíduo não tivesse uma língua, ainda assim haveria outras formas de comunicação, contudo, nunca seria uma forma tão produtiva quanto a fala, isso porque as palavras condensam toda a significação, mesmo as metafóricas.

Os fonemas, sons articulados, facilitadores da comunicação entre os seres humanos, são também um conceito importante para Bloomfield, que reconhece as sutilezas as quais diferem os fonemas de uma e de outra língua, formando os dialetos. Colaborou com a definição do fonema e, por meio da empiria, caracterizou-os como uma composição de feixes significativos, na verdade, por uma mudança simples qualquer, podem se tornar um alofone.

As obras em questão, neste trabalho, serviram para colocar Leonard Bloomfield num lugar privilegiado no que se refere ao estruturalismo linguístico norte-americano e à criação de um método próprio de se fazer linguística. No entanto, foi a metodologia fundamentada na psicologia comportamentalista de Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) e na psicologia behaviorista de Albert Paul Weiss (1879-1931) que o tornou único naquele contexto.

A interação entre a linguística e a psicologia foi muito profícua para os estudos bloomfieldianos. Apropriou-se dos conceitos da psicologia e aplicou-os à pesquisa descritiva da língua e da comunidade de fala, assim foi possível estabelecer uma conexão entre a língua e os falantes, bem como a constituição da comunidade como um lugar comum e que se configura como a identidade daqueles que partilham o mesmo dialeto.

Bloomfield constatou essas aproximações e definiu esses conceitos porque pôde inserir-se nas comunidades de línguas ágrafas ameríndias e desse lugar investigou, analisou, verificou as sutilezas da língua no que tange não somente à fonética e à fonologia, mas também à morfologia, à sintaxe e à semântica. Os hábitos dos falantes são transmitidos de geração para geração, cada falante é um professor de língua materna em potencial e replica seus conhecimentos aos demais falantes.

A Europa tinha uma tradição linguística e avançava rumo à modernidade, enquanto a América do Norte dava seus primeiros passos alicerçados pela contribuição

de Willian Dwight Whitney. O legado de Whitney estendeu-se a Maurice Bloomfield (1855-1928), linguista e tio de Bloomfield. Maurice foi aluno de Whitney e responsável por propagar suas ideias sobre a linguística. Além de Maurice, Franz Boas (1858-1942), antropólogo alemão radicado nos Estados Unidos da América, também foi herdeiro das ideias de Whitney e, posteriormente, construiu seu próprio legado, quando preparou para os estudos antropológicos Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield.

Tanto Sapir quanto Bloomfield começaram por estudar as línguas ameríndias. O primeiro se deteve em estudá-las do ponto de vista estritamente antropológico, já o segundo, preferiu atuar como linguista que empiricamente observou a fala da comunidade linguística e procurou descrever seus hábitos e costumes por um método de análise próprio, iniciando, por assim dizer, o estruturalismo linguístico norte-americano.

Em suma, Leonard Bloomfield realizou um trabalho como educador e linguista, foi continuidade conceitual das ideias de Whitney e, por conseguinte, ruptura por ter conseguido, por meio de seu mérito, alavancar as pesquisas linguísticas, sem copiar o modo de fazer dos europeus. Ensinou como fazer e tornou-se um visionário em relação à necessidade de mostrar que a linguística também poderia ser desenvolvida do outro lado do Oceano Atlântico.

O governo dos Estados Unidos contribuiu para que isto se tornasse uma realidade financiando parte de suas pesquisas. Bloomfield contou inclusive com o apoio das universidades em que trabalhou. Em muitos momentos, sofreu retaliações em relação ao seu modo estruturalista de pensar e de categorizar o que realmente importava saber naquele princípio de século, quando dava seus primeiros passos. Noutros momentos foi admirado e conseguiu adeptos a seu método linguístico.

Bloomfield fez o trabalho de resgatar fontes importantes e arrumá-las, propositadamente, distribuídas, a partir dos quatro temas, que o motivaram a escrever o manual de linguística. Sem sombra de dúvidas, sem sua obra a linguística não teria tido os desdobramentos que se tem visto atualmente.

Vários caminhos foram abertos para que subáreas da linguística fossem desenvolvidas. Bloomfield entendia a comunidade de fala como um organismo vivo e mutável de acordo com as regras da língua, via no falante o potencial de manter a língua e produzir os fonemas de modo bastante similar com os demais membros da comunidade com a intenção de manter a unidade identitária. Estas informações foram benéficas tanto

para criar um contraponto e divergir da ideia, como fez Noan Chomsky (1928), quanto para dar continuidade ao que ele já havia começado, como fez Willian Labov (1927).

Os postulados axiomáticos de Bloomfield

Leonard Bloomfield atuou como professor universitário e pesquisador, além de ter produzido vários manuais sobre aprendizagem de língua materna e aquisição de segunda língua. Foi importante em seu tempo, porque formou novos linguistas, inclusive brasileiros e, por fim, porque deixou como legado obras muito válidas para a constituição da linguística enquanto ciência. Em virtude disto, tentou-se neste texto, com a finalidade de demonstrar aos leitores, mesmo aqueles que não tiveram contato com sua obra, uma síntese sobre seus conceitos e dos temas compilados de outros autores.

Desde a primeira obra, *An Introduction to the Study of Language* (1914), Bloomfield retratou temas como a aquisição da língua pela criança, a imitação do falante menos experiente em relação ao mais experiente, a comunidade de fala formada a partir da união de indivíduos com as mesmas características linguísticas, determinadas pelos fonemas. Levando-se em consideração tais aspectos, percebe-se o fato de ele ter ampliado as discussões na obra *Language* (1933).

An Introduction to the Study of Language (1914) passou por reformulação, revisão e ampliação, segundo o próprio Bloomfield, para explicar fatos relacionados à descrição linguística, abrangendo temas que vão desde a história da língua, as discussões iniciadas pelos gregos, a gramática de Panini e o modo como a língua do povo era vista, até chegar aos grandes nomes da linguística como Wilhelm von Humboldt, Ramus Rask, Willian D. Whitney, Jacob Grimm, para citar alguns, já que Bloomfield fez um exímio resgate de fontes, as quais podem ser conferidas ao longo dos textos e num capítulo especial no final da obra *An Introduction to the Study of Language* (1914).

As obras de Leonard Bloomfield, desde a primeira, retomam as bases da linguística, estão inseridas no clima de opinião do início do século XX, momento em que era preciso formar adeptos para modificar os rumos da linguística. Embora Bloomfield estivesse interessado em estudar língua enquanto descrição, nenhuma novidade para a época, a intenção era fazer diferente, usando para isto a pesquisa de campo, o convívio com a comunidade e, ao mesmo tempo, ensinando como fazer.

A pesquisa de campo foi um diferencial para as pesquisas dele. O método usado pela antropologia sustentado pelas pesquisas behavioristas e amparado pela perspicácia de Bloomfield que, ao criar um método próprio de análise, fez a diferença para a linguística norte-americana, tornando-se um importante marco, uma ruptura metodológica significativa que elevou a outro estágio na rigorosidade metodológica, tanto a linguística quanto o modo de fazê-la.

Além das duas obras mencionadas, outro texto bastante elucidativo em relação à descrição linguística foi *A set postulates* (1926), em que Bloomfield postula axiomas sobre o ato comunicativo, fonética e fonologia, morfologia e língua. São os princípios bloomfieldianos sobre fonética e fonêmica, os quais aludem ao desenvolvimento da língua, enfatizando a forma disposta pelos sons articulados como meio de distinção entre comunidades de fala.

Um assunto controverso, naquele momento, era os sons da fala, mas aos poucos foi sendo resolvido com a ajuda de Bloomfield que contribuiu com a definição do conceito de fonema, fundamentada na concepção de que a língua se assenta em uma estrutura psicológica. Como parte das obras de Bloomfield trata de uma compilação, a morfologia ocupou um espaço respeitável da obra, pois, afinal, era sobre esse assunto que a maioria dos estudos linguísticos se pautou no século XIX. A palavra e seus lexemas tiveram um lugar de destaque nos estudos realizados pelos comparatistas e neogramáticos, Bloomfield também forneceu subsídios para que este estudo continuasse a ter sua relevância.

Quanto à sintaxe, esta estava relegada à apropriação que a comunidade de fala faz da língua e do arranjo que cada comunidade desenvolve para a comunicação. Bloomfield concebia que a morfologia e a sintaxe não podiam ser vistas separadamente, uma dependia da outra, enquanto uma lidava com a forma da palavra, a outra referia-se a sua colocação num ambiente frásico. A teoria da sintaxe se desenvolveu no século XX após a morte de Leonard Bloomfield. No início do século XX, a fonologia estava em fase de desenvolvimento, a morfologia já tinha sido exaustivamente pesquisada e a semântica ainda em fase embrionária.

Sendo assim, no que tange à semântica, Bloomfield não foi propriamente um semanticista, porém, alicerçado pelo behaviorismo, procurou explicar fatores semânticos e pragmáticos ocorridos no ato de fala. As figuras de palavras e de pensamento foram vistas por ele como formas de os falantes se comunicarem entre seus iguais. Tais recursos

dificultam a compreensão do falante estrangeiro, porque formam as sutilezas da língua que abrangem todo o mundo do falante. A semântica de Bloomfield obedecia ao fato de que a comunidade de fala possui seus próprios dispositivos para a interação entre seus membros. Inegável pensar que as palavras não possuam significados particulares e que interessam apenas a um grupo de fala distinto. Apesar de reconhecer a necessidade do estudo semântico, Bloomfield considerava que a linguística, naquele momento, não estava preparada para desenvolver o tema.

Dado o exposto, o estruturalismo na América do Norte que notabilizou o nível das pesquisas na área das humanidades e colocou Leonard Bloomfield numa posição privilegiada em detrimento de outros antropólogos, como Sapir, que realizaram trabalhos semelhantes, contudo não se dedicaram exclusivamente para a compreensão da língua e a formação da linguística. Esse dado encaminha a linguística para um lugar de destaque, porque devido ao método linguístico desenvolvido por Bloomfield, novas pesquisas puderam ser apreciadas e novos métodos surgiram em consequência do que estava proposto.

Essas ciências, direta ou indiretamente, permitiram e autorizaram a construção do manual de linguística. Eram todas ciências humanas em vias de serem reconhecidas, uma vez que nenhuma delas tinha esse *status*. Por isso, a filosofia, a sociologia e a psicologia foram tão importantes para que se delimitassem o campo da linguística, ademais, o fato de Bloomfield ter elaborado um método próprio de análise descritiva da língua foi um diferencial, congregando a pesquisa empírica, a análise psicológica dos fatos da língua e a descrição linguística.

O desenvolvimento da Linguística Descritiva esteve alicerçado por um método diferente e inovador, desenvolvido por Bloomfield, para explicar fenômenos linguísticos já observados, mas sem rigor metodológico. Todo esse aparato possibilitou-lhe fazer aquilo que julgava correto, concernente ao estudo da língua, isto é, descrevê-la fonética, fonológica, morfológica e sintaticamente. Contudo foi em relação à fonologia que Bloomfield se destacou, porque todos os outros que o antecederam tinham estudado a respeito dos sons articulados e como eram produzidos pelo aparelho fonador humano. Bloomfield analisou a língua a partir da questão fonológica e psicológica, pois era nesse ponto divergente.

Baudouin de Courtenay (1845-1929) e seu discípulo Mikolaj Habdank Kruszewski (1851-1887) até nomearam os sons produzidos apenas pelo aparelho fonador

e, inclusive, conceituaram o fenômeno, e Nikolai Trubetzkoy (1890-1938) incluiu os nomes em seus estudos sobre fonologia no Círculo Linguístico de Praga. Os nomes foram dados antes, faltava uma definição pontual acerca do fonema. Leonard Bloomfield esclareceu que um fonema era constituído por um feixe de diferenças dispostas na língua, sendo este o conceito que foi aceito pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, conforme atestado por Trubetzkoy.

Linguistas pós-bloomfieldianos aceitaram e acataram o conceito de fonema e, atualmente, não há outro conceito. O fonema é um feixe de significações que não pode sofrer alteração sob pena de ser transformado noutra fonema ou num alofone. Bloomfield não conhecia o conceito de alofonia, embora por causa de suas investigações diretamente na comunidade de fala, compreendesse a possibilidade de ocorrer uma variação num traço distintivo do fonema e, este, por sua vez, fosse realizado de modo particular. Um alofone é reconhecido pelos falantes de uma determinada comunidade de fala e não de outras, são traços sutis de alteração dos feixes de diferenças que também configuram a identidade da comunidade.

A partir da leitura das obras de Bloomfield, quatro temas podem ser determinados em relação à análise e à descrição da língua. Em todas as obras Bloomfield lida com os quatro conceitos: língua, fonema, falante e comunidade de fala. Por se tratar de uma pesquisa de cunho empírico, ressaltou os temas que mais apareceram na relação falante/comunidade e comunidade/falante.

Por tais razões, a língua, para Bloomfield, é um sistema circunscrito a uma comunidade de fala e para a comunicação entre seus membros. Desenvolve-se comunitariamente e atende aos interesses de um grupo, podendo sofrer variações. Bloomfield, na qualidade de observador da comunidade de fala e de seus falantes, procurou englobar todas as características e conceitos da língua por meio da fala, que é individual, mas subjugada às normativas da comunidade. A língua da comunidade é de caráter social e, por isso, deve atender às necessidades de todos os indivíduos que dela partilham porque falam da mesma forma: sons e sotaques.

A evolução da língua e as mudanças linguísticas, inevitavelmente, acontecem e a comunidade de fala garantirá a harmonia linguística. Bloomfield ressaltou a necessidade de se conhecer o passado para compreender o presente da língua, claro que essa é uma tarefa do linguista e nunca do falante. Assim, o espaço em que uma língua é falada, bem como seus falantes, se mais ou menos instruídos, resultarão no tipo de importação das

palavras e nos processos analógicos que permitirão a mudança linguística. Os empréstimos culturais se justificam porque um falante aprende uma palavra ou frase de outra língua ou dialeto e a insere em seu contexto de fala. Isto ocorre devido à necessidade de ter uma palavra para definir algum objeto ou novidade que a comunidade que recebe não tem.

Em vista dos aspectos apresentados, o novo léxico precisa ser consentido pela comunidade de fala que o está recebendo, assim, em primeiro lugar, passa por um processo de adaptação, ou seja, os dispositivos da língua que vai recebê-lo são acionados para ajustar o novo vocábulo. Em segundo lugar, o empréstimo é legitimado pela comunidade e integra o léxico daquela língua. Os falantes de uma comunidade de fala sempre terão alguma resistência para o ingresso da palavra estrangeira, que não será recebida sem a aprovação da comunidade.

De modo ainda mais complicado, o empréstimo íntimo ocorre, visto que não é uma opção da comunidade, mas uma imposição em relação àquilo que ela precisa aceitar, por ser considerada uma língua inferior. Em contrapartida, se é a língua superior quem recebe os empréstimos, isto não é bem-visto pela própria comunidade que se sente diminuída linguisticamente e até culturalmente. Os empréstimos desse tipo soam como uma forma de minimizar a importância de uma comunidade de fala em virtude de outra.

O empréstimo íntimo funciona como um jogo de poder entre a nação dominante e a dominada, por isso não é tão bem aceito. Bloomfield descreveu três tipos de empréstimos: o dialetal, o cultural e o íntimo. À comunidade de fala, cabe a decisão de considerar ou não que o empréstimo aconteça também por quais processos a palavra passará para ser aceita pelos falantes.

Linguistas como Whitney atestam que o falante não sabe se a língua sofreu ou não alguma modificação durante o tempo, nem tão pouco o falante pode julgar pertinente a inserção de uma palavra ou a permanência dela na língua da comunidade. Apropriar-se da língua do outro por um motivo particular do indivíduo é uma realidade diferente de ser obrigado a falar a língua da comunidade mais forte econômica, social e politicamente. São duas realidades distintas e que comovem toda a comunidade, criando resistências ao novo, promovendo a desigualdade entre as comunidades, intolerâncias entre os falantes. Bloomfield observou esse evento nas comunidades indígenas pesquisadas por ele e pôde comparar essa realidade com a existência da língua inglesa nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Por conseguinte, quando um indivíduo fala, suscita no ouvinte todas as eventuais possibilidades de compreensão. O ouvinte, por sua vez, fará o possível para decodificar o que foi dito para formular uma resposta que atenda ao que é esperado. Há uma forte conexão entre os falantes e a comunidade que é o grupo social unificador de todo o contexto por meio da língua. O falante exerce um papel importante em sua relação com a comunidade muito embora não caiba a ele modificar o sistema linguístico formador da identidade da comunidade.

Contudo, o tempo e a própria comunidade têm essa capacidade, demonstrada pela condição de comunicação intrínseca aos falantes, actantes do processo interativo da comunidade de fala. Ao falante, cabe entender e validar a língua recebida em seus primeiros momentos de vida e propagá-la pelo hábito e imitação. O processo de transmissão e preservação da língua ocorre durante toda a vida do indivíduo.

Desse modo, a comunidade opera como um regulador da língua falada por seus membros, enquanto um conjunto de falantes que se comunicam usando palavras semelhantes, sentenças parecidas, sintaxe e fonemas iguais, sem falar na questão semântica que deve ser compartilhada por todos. Isso para significar que está ligada a todo o contexto social educacional, político, pessoal do falante que, sozinho, não pode atuar como um agente modificador, porque a força que move a comunidade deve aceitar ou não a nova palavra, o novo significado, a inclusão de um morfema numa palavra estrangeira e, assim, sucessivamente.

Bloomfield, assim como Humboldt, acreditava que a comunidade tinha uma forma maior, um espírito nacional que congregava todas as particularidades linguísticas. Com certeza, depois das análises feitas por Bloomfield e da descrição do fonema, há uma proximidade do falante com a língua e com a comunidade de fala, caracterizada pelo feixe de significações que constituem o fonema. Melhor dizendo, o falante identifica-se com a comunidade devido à proximidade dele com os demais, que pode ser verificada através dos fonemas idênticos produzidos na comunidade por imitação dos falantes.

Leonard Bloomfield tinha autoridade adquirida, por sua inserção nas comunidades pesquisadas, para atestar que a comunidade é soberana em relação às modificações que a língua vai assumindo com o passar do tempo. O ambiente fonêmico, em que a língua da comunidade está submersa, possibilita que uma comunidade, um falante, uma língua ou os fonemas sejam vistos como distintivos entre uma nação e outra. As pesquisas realizadas demonstravam claramente a consistência dos elementos escolhidos por

Bloomfield, como direcionadores. Assim, ainda que um falante não tenha conhecimento das mudanças sofridas pela língua falada por ele, não há dúvidas de que domine os artifícios linguísticos corretos para a comunicação.

O falante, os fonemas, a comunidade de fala e a língua coexistem de maneira tal que é difícil separá-los, mesmo em casos excepcionais esses quatro elementos estão presentes de alguma maneira. Bloomfield compreendia a importância deles, enquanto outros linguistas se preocupavam com a língua escrita e negligenciavam a comunidade de fala. Apesar do caráter social da língua, muitos linguistas não consideravam que seu estudo deveria ser feito *in loco* como fez Bloomfield, a metodologia que usavam a partir de documentos escritos justificava suas descobertas.

A escrita é um tipo de língua que não tem espontaneidade e nem tão pouco consegue alcançar o poder persuasivo da fala. A gramática sugere-a como forma de conter as modificações que sempre vão ocorrer na língua falada e que, na maioria das vezes, adquirem uma rapidez fora do normal, necessária, mas dispensável. Há línguas ágrafas que puderam ser estudadas a partir do método estruturalista descritivista proposto por Bloomfield, então ele pôde captar a riqueza da língua com maior perspicuidade.

Em decorrência do método criado e desenvolvido por Bloomfield e pelo grupo de antropólogos norte-americanos, é possível identificar uma continuidade metodológica que possibilitou sua aplicação em subáreas da linguística. Isso significa que, se o conceito bloomfieldiano não pode ser continuidade devido a algumas falhas que foram sendo alinhadas após sua morte, devido às novas pesquisas e aos novos pesquisadores, o método, contudo, foi reformulado, aperfeiçoado e alicerçou outras subáreas dos estudos linguísticos até na atualidade.

Por fim é possível também e fácil encontrar ressonâncias dos conceitos propostos nas obras de Leonard Bloomfield na linguística pós-bloomfieldiana, tanto nos Estados Unidos da América, quanto no Brasil. Linguistas de áreas como a fonologia, a morfologia e a morfossintaxe trataram de divulgar e creditar à Bloomfield o mérito pelo trabalho concebido. É bem fácil verificar a eficácia do trabalho de Bloomfield para a modernidade, também entender a propagação de sua obra no Brasil, onde a disseminação da linguística saussureana é notória.

Conclusão

Para conclusão dessa discussão, cabe salientar a importância do behaviorismo para as pesquisas de Bloomfield. Os temas trabalhados por ele são possíveis e observáveis a partir dessa área da psicologia, desenvolvida por dois psicólogos que influenciaram de maneira salutar os trabalhos de Bloomfield: Wilhelm Wundt e Albert Paul Weiss. O primeiro compreendia que tudo na língua era feito a partir da imitação dos falantes experientes e pelo hábito de sempre repetir comportamentos linguísticos observáveis.

Com relação ao segundo, Weiss, o falante recebia um estímulo que culminava numa resposta. O behaviorismo propunha uma tríade composta por estímulo – contexto – resposta. Depois conhecer as pesquisas desenvolvidas por Wundt, Bloomfield adaptou o método para que fosse eficiente no que se refere ao comportamento dos falantes e da comunidade de fala. Os estudos de Bloomfield já possuíam uma ligação com a psicologia e aprofundou-se mais quando ele entendeu que os falantes são estimulados por motivações linguísticas ou extralinguísticas que respondem a estímulos. Há sempre entre os falantes uma sensação que provoca uma resposta linguística e, por fim, uma ação. A obra bloomfieldiana não seria a mesma sem o aparato da psicologia a fim de explicar a língua, a fala, o falante e a comunidade de fala.

Bloomfield criou seu próprio método pautado na antropologia e na psicologia, distanciando-se das práticas de pesquisa da linguística europeia com séculos de tradição. As obras dele perfizeram o percurso de toda a vida acadêmica de estudante, professor e pesquisador, demonstrando fontes pesquisadas, a contribuição na área da fonologia, da morfologia e até na sociolinguística. As sínteses feitas por ele condensaram a linguística e apontaram para os feitos realizados por linguistas que, assim como Bloomfield, colaboraram com a ciência linguística.

Os linguistas norte-americanos tiveram incentivos governamentais para desenvolver métodos e técnicas de análise linguística e ensino que pudessem cooperar efetivamente para a ascensão estadunidense no que tange à ciência linguística. Esse é, de fato, um marco histórico porque, a partir das publicações das obras de Leonard Bloomfield, um esforço para descentralizar o estudo de línguas no mundo todo. O Brasil foi beneficiado com isto, pois muitos linguistas brasileiros decidiram estudar linguística nos Estados Unidos e voltaram de lá aptos para dar continuidade aos estudos iniciados por Leonard Bloomfield.

Referências

- ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- BLOOMFIELD, L. *An introduction to the study of language*. New York: Henry Holt and Company, 1914.
- BLOOMFIELD, L. *A set of postulates for the science of language*. Ohio State University, 1926.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen e Unwin LTD Museum Street, 1933.
- BURKE, P. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- HUMBOLDT, W. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.
- KOENER, K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Coleção: Linguística II. Tradução: Cristina Altman, Sônia Coelho, Susana Fontes, Rolf Kemmler, Marlene Loureiro, Felicidade Morais, Lineide Mosca, Teresa Silva. Braga: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMARA Jr., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. 6 ed. São Paulo, Contexto, 2011.
- SAPIR, E. *A linguagem*. Trad.: J. Mattoso Camara Jr. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1949.
- SAPIR, E. *The Concept of Phonetic Law as Tested in Primitive Languages by Leonard Bloomfield (1931)*. In: FOUGHT, J. (org). *Leonard Bloomfield: critical assessments of leading linguistics*. Vol. III: Biographical sketches. USA and Canada: Routledge, 1999.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SWIGGERS, P. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. IN: Confluência Revista do Instituto de Língua Portuguesa. N. 44-45 – 1º e 2º semestres de 2013 – Rio de Janeiro. Pp.39 – 59. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/edpdf/44-45> Acesso em 18 de nov. 2019.